



ZAZIE  
EDIÇÕES



pince-  
-nez



MIGUEL MARTINS  
desenhos de Maíra Senise

# pince- -nez

MIGUEL MARTINS  
desenhos de Maíra Senise

2016 © Miguel Martins (texto)  
2016 © Maíra Senise (desenhos)

COLEÇÃO LOJAS DE CANELA

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORES

Laura Erber e Karl Erik Schøllhammer

DESENHOS

Maíra Senise

REVISÃO DE TEXTOS

Denise Pessoa

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk Bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-02-7

ZAZIE EDIÇÕES

[www.zazie.com.br](http://www.zazie.com.br)



O rolo compressor avança sobre o alcatrão  
e parece-me que é a gravilha da minha vida  
que ali fica encerrada sob um breu pastoso  
prestes a endurecer, sem que uma só gaiivota,  
uma só Rita Hayworth, possa ao menos gravar-lhe  
à superfície, como quem anuncia a boa nova,  
uma impressão palmar, a cicatriz da infância  
que é, afinal, a Porta do Inferno, em que Rodin  
trabalhou quarenta anos, mas também a noz  
que uma garota loura descascou para mim,  
um fim de Verão no campo, quarant'anni fa.

Chora o cosmorama, nem sequer rancoroso,  
apenas como um gato sem caminho para casa:  
o teu sorriso sucede a um dicionário; dá lugar  
a um sonho de mar e heroísmo; vêm depois  
uma manta, o doce odor da lenha, o velho pince-  
-nez resgatado a Tchekov e a indispensável  
compota de laranja.

Morrer cheio de mágoa  
e optimismo, distraído do tempo e do abandono,  
fazendo do catarro um quarteto de cordas,  
foi minha grande bênção, o lugar dos meus dias,  
que agradeço a Deus, a alguns homens  
e ao belo, mágico e impossível número  
das mulheres que ainda dançam nos meus olhos.

◆ ◆ ◆

Ergo-me da cama, permanecendo o corpo deitado.  
Incorpóreo, passeio pelo mundo,  
desconsiderando as distâncias  
que me separam do berço e dos mangais,  
onde me vejo berrando à solidão primeva  
ou enganando a morte com uma adolescente negra.

Nunca me senti de parte alguma, de ninguém,  
e suponho que nisso radique a calma confiante  
com que alguns jogam uma partida de ténis,  
do primeiro ao último minuto,  
sem que o tumulto das caravelas ou o brilho  
da guilhotina façam das regras do jogo um absurdo súbito,  
de modo que a lógica me impele a pensar  
que a rede é um ralador de queijo.

Não pude entrar no castelo de Pendennis  
porque o vento soprava a não sei quantas milhas por hora  
mas, saindo da Penn Station, cheguei à Babilónia,  
onde comi um bife mastodôntico no meio do nada.  
Em qualquer caso, a história, a política e o enigma  
dos versos burilados eram a verdadeira paisagem  
em que molhava os pés, o coração e a pequena  
bala de mosquete  
a que a inteligência se resume quando vivemos por dentro  
de um caleidoscópio.

Do mesmo modo,  
não pude amar uma rapariga de pelos  
púbicos cor de fogo  
porque o vento soprava a não sei quantas milhas por hora  
mas, ao estender as cordas de uma guitarra, entre os pés  
e a boca de uma índia quéchua, não era eu mas o espírito

Dada,

Espírito Santo privado dos seus dons,  
quem erigia aquele altar à saliva,  
mãe das mães e do movimento perpétuo.

◆ ◆ ◆



Agora,  
A vida cabe-te toda num saco de papel,  
porque vivê-la foi só deixá-la impressa  
e, para isso, é preciso não sentir,  
ou apenas o estritamente necessário  
para não deixar secar as bolsas lacrimais.

Contudo,  
a velha casa ainda está de pé  
e, pelas paredes, em locais secretos,  
intocados ou submersos por tintas de água,  
aí permanecem, estou certo,  
as mais belas inscrições do nosso amor.

E, um dia,  
sob o efeito de girândola ou zootropo mágicos,  
nossos olhos regressarão a esses sítios só nossos,  
tão nossos como esses próprios olhos,  
e de tudo o que fizemos, antes e depois,  
reconhecemos neles a nossa melhor pátria.

Saberemos  
que os amores adiados são vontades divinas,  
porque outros merecem também as nossas mãos  
e há sentimentos que quase cindem os átomos,  
garatujas que são esboços, que são quadros  
demasiado belos para o museu do mundo.

◆ ◆ ◆

Para o meu pai

Muito poucos foram os dias cuja acidez não tragaste do princípio ao fim,  
vinho branco retintado pela morte dos teus sonhos, um a um,  
e uma bola de fogo a crescer-te no estômago, uma inteireza brutal,  
virada do avesso, como se uma queda tão lenta, tão evidentemente  
queda, tão claramente desesperada do futuro, pudesse ser exemplo  
para quem nem sequer ouve os tiros e as fábricas de fabricar cadáveres,  
ufanos da sua própria falta de desejo. Eu sei, não o duvides, António:  
não podias ter vivido de outro modo e, mesmo assim, a vida ficará,  
para sempre, a dever-te a maior parte dos teus anos, talvez todos,  
menos algumas horas de olhos ancorados entre Jersey e Granville  
(onde nunca foste), menos alguns passeios entre a mística flora  
intestinal do mundo, menos algumas tardes entre as coxas ardentes  
de uma qualquer beirã, cujo nome recordas, e a quem foi dado o dom  
de ser mais natural que a pureza dos padres. Apenas por isso escrevo,  
agora, este poema e, se quiser pensar, o que não quero, talvez conclua  
que já só por ti sujo os dedos de papel: é para tentar pagar-te um pouco  
dessa dívida, para imaginar-te a sorrir de olhos fechados,  
como quando à memória te acudia o nome de uma gueixa que leras  
entre lençóis frios, no tempo em que ainda tinhas fé na madrugada.

◆ ◆ ◆



Os grandes desafios são dois: largar o balastro, o sentimento; viver do ar. Isto, para quem queira sobrevoar as coisas do mundo, ter a justa medida de pessoas e bens, do abandono a que foram votados sete dias de criação inspirada, demasiado lírica, demasiado épica, demasiado multicolor para o daltónico organismo humano, nuns casos feito para mandar, noutros para obedecer. Que ora imagina impérios, ora se contenta em alimentar pombos junto ao adro da igreja, onde foram velados os relutantes avós de uns e outros. Mas um balão a gás é um artefacto mais ou menos indomável, e do glórico trajecto tentativo, em geral, já só sobram destroços, quando é chegada a hora de autopsiar o corte entre vida e loucura. As testemunhas, poucas, ou pouco disponíveis, referirão o ego, a óbvia propensão para o escaparate, os anemómetros (que mais não são que cata-ventos de última geração) e, para finalizar, algum talento na desusada arte da arte desusada. E di-lo-ão de pés bem cravados na terra e municadas de éticas e conceitos e jovens tradições indismontáveis ou apenas recorrendo a alguma força, martelos, alicates e chaves sextavadas.

◆ ◆ ◆

210 X 297

Anos  
e anos  
e anos,  
dia  
após dia  
após dia,  
varejar o mundo  
como a luz do farol vareja o mar  
e do trânsito da penumbra retirar apenas pequenas cintilações  
ou fogos-fátuos.

Nenhuma ardência permanente,  
nenhum clarão,  
nada que se assemelhe ao amor de Isolda, a Loura,  
nem ao blitzkrieg.

Há na vida assim, morosa castração ritual,  
um sabor a água pouca,  
que mais valia nenhuma,  
como que o início de uma sensação,  
imaginada apenas,  
que o Demo resolveu petrificar,  
de modo que tremeluzirá em mim por toda a vida,  
que, sendo pouca, é uma demasia.

E, contudo, permaneço – vejo rosas  
nascerem e morrerem ante a minha impotência,

face a ambos os factos,  
o mesmo acontecendo com baías  
e charnecas  
e ruas  
e gente cujo sorriso me cativou um dia,  
talvez apenas porque o sol assim quisesse.

E vou mascando tabaco,  
cuspindo para o lado,  
assobiando melodias violentadas sobre pautas  
de lua minguante,  
e aguardando sei bem, exactamente, o quê.

Às vezes, entretenho-me com o gato do vizinho,  
às vezes adormeço em Chinatown,  
ou roubo uma laranja de ouro puro  
e sou perseguido por uma seara altíssima,  
como só as há no cinema.

Mas todo o demais tempo espero apenas  
que ninguém me venha confirmar certezas  
e, menos ainda, acicatar dúvidas perdidas  
com sorrisos de lá.

O mar existe,  
ou, pelo menos, a sua imagem;  
talvez exista também (ou tenha existido, o que, para o caso  
tanto faz) a Rita Hayworth,  
e, contudo, a mim, coube-me por sorte esmiuçar o horizonte,

demasiado longe,  
demasiado perto,  
e, de mãos vazias, pô-las a caminho  
sobre a vaga vastidão de uma folha ensebada  
pela sua própria,

lírca,

impossível,

imaculidade.

Enquanto os grilos são apenas grilos  
e há homens que rosnam,  
cães que fazem o pino  
e cidades inteiras de luxúria e futuro.

Mas tudo isso fica para lá da folha  
e Deus tem de saber onde encontrar-me.

◆ ◆ ◆

Vou fumar um cigarro a outra vida,  
a um país distante, que é lá fora,  
vou à varanda ver-me, de fugida,  
correr pelo passado que demora.

◆ ◆ ◆





Noite de solidão e tranquilidade,  
memória e esquecimento,  
terraplanagem dos acidentes coriáceos que ficaram na pele  
depois do que não vale a pena lembrar  
e que resumo a chuva de peixes, meteoritos,  
ao som de um contrabaixo antiquíssimo a embater na pedra,  
qualquer coisa dessas, tão dificilmente explicáveis  
como uma barragem para um salmão.

Nessa noite, mais do que sempre, apraz-me regressar  
a um romance relido vezes sem conta,  
de cuja acção não faço ideia  
por dele me interessar apenas a bruma  
e o sóbrio padrão dos sobretudos.  
Julgo merecer, ao menos, o conforto elementar  
de quem atravessa uma praça desconhecida  
de uma cidade desconhecida  
sem outro pensamento que não seja a alacridade  
de um queijo azul ou de um vinho.

Do tempo em que a minha respiração não produzia som  
ficou-me a prestidigitação de olhar para dentro  
e ver, com nítidos detalhes, a Revolução Francesa  
enquanto, com a unha do indicador, desmancho a carcaça  
de uma rês  
magra de mais para a ceia dos que amo  
com a morte pelo meio.

Nessa noite, tanto me faz ser calvo como vil  
como apagado escrivão de todas as inutilidades.  
Não há, sequer, beldades vestidas de seda escorrendo  
pelas paredes  
como as que vejo sempre que um tijolo me é insuportável  
por ser, apenas, um tijolo – argila seca  
cuja forma rectilínea não se deixa confundir com uma  
daquelas paisagens  
terríveis e maravilhosas.

Nasci ocidental e, com isso, diminuído no espaço  
e aparado nas ideias. Completam-me o retrato uma fragrância  
a violetas nas axilas e um hálito a Balzac  
que vai dos meus pensamentos mais íntimos ao fundo  
do balcão.

Seja.  
E, ainda assim, a morte de um teurgo do meio do deserto,  
há mais de dois mil anos,  
é uma cobra minúscula mordendo-me a nuca  
e incitando-me a pecar  
cada vez melhor  
porque a isso se resume a santidade possível.

MIGUEL MARTINS (Lisboa, 1969)

Tem 20 livros publicados. Membro do conselho das artes do Centro Nacional de Cultura e do conselho editorial da revista *Gândara* (PUC). Colaborador regular da revista *Colóquio/Letras* (Fundação Calouste Gulbenkian) desde 2009. Autor do livro *Jazz e literatura* (Campo das Letras, 1998) e tradutor de *A arte dos ruídos* (Momo, 2013), de Luigi Russolo. Entre 2006 e 2012, manteve a coluna *A estante do Miguel* na revista *Jazz.pt*. Em Portugal, organizou centenas de concertos de jazz (e não só). Em Cabo Verde, o 1st Cape Verde Development International *Jazz Festival*. Como improvisador, integrado no colectivo A Favola da Medusa, editou o CD *Dada Dandy*, na britânica Slam. Tocou com músicos como Floros Floridis, Gail Brand, George Haslam, Jon Raskin, Ken Filiano e Wade Matthews.

MAÍRA SENISE (Rio de Janeiro, 1989)

Artista e ceramista, formada em design pela PUC-Rio. Seus desenhos, zines e trabalhos gráficos foram exibidos em diversas feiras e centros de arte. Publicou o livro */the country goosel habitantes cegos tocam sobre pedras paredes ou papéis/* (Zazie Edições, 2015). Vive e trabalha entre o Rio de Janeiro e Nova York.



